

O exílio em “Day of Wine and Roses”

Sara Freitas Maia Silva¹

Resumo: Este trabalho tem como principal objetivo, analisar o exílio do personagem principal no conto *Days of wine and roses* de Silviano Santiago, mostrando sua vida de solidão e desilusão, não se habituando ao lugar e a própria condição de vida em que se encontra, utilizando a teoria de Edward Said em sua obra *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003) e *Representações do Intelectual* (2005).

Palavras-chave: Literatura contemporânea, *Days of wine and roses*, Exílio e Solidão.

Abstract: This work has as objective to analyze the exile of the main character in the Silviano Santiago's tale “*Days of wine and roses*”, showing his life of loneliness and disappointment, not getting used to the place and the very condition of life in which it is. The analysis will be performed using the theory of Edward Said in his work *Reflections on exile and other essays* (2003) and *Representations of Intellectual* (2005).

Keywords: Contemporary Literature, *Days of Wine and Roses*, Exile and Loneliness.

¹ Discente do curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, campus universitário de Pontes e Lacerda.

Introdução

O conto *Days of wine and roses* de Silviano Santiago está presente na obra “Keith Jarrett no Blue Note: improvisos de jazz” publicada pela primeira vez em 1996, introduzindo o autor ao universo da ficção contemporânea.

O enredo de *Days of wine and roses* conta a história de um viajante brasileiro que vive em extrema solidão e desilusão na cidade de Nova York. O personagem principal é referido no conto como “você”, não possuindo um nome específico. O conto traz um momento da vida deste homem, que não consegue se habituar ao seu atual cotidiano. O narrador-personagem evidencia sua monotonia e solidão quando não se identifica com o apartamento onde mora, com os móveis que possui, com o clima de inverno e nem mesmo com a programação que sua televisão transmite. Para o personagem principal, é como se ele vivesse em um Hotel, onde os móveis são feios e sujos, e nada combina com ele, levando uma vida triste e fora do comum, pois acorda de madrugada, dorme de dia e se alimenta mal, vivendo assim dia após dia, uma mesma rotina, o que demonstra ainda mais o quanto sua vida é solitária.

Esse sentimento de solidão aumenta consideravelmente em um dia de neve, quando o personagem, em um estado profundo de carência, sente a necessidade de ter alguém para conversar. Isso o faz ligar para Roy, um ex-namorado abandonado por ele há quinze anos. Logo que a conversa entre os ex-namorados começa, Roy, ao ouvir sua voz, sente-se feliz e demonstra o desejo de reencontrá-lo, mas o narrador-personagem não deseja a mesma coisa, se desviando do assunto todas as vezes que Roy fala em reencontro.

A conversa toma outros rumos, os ex-amantes lembram dos antigos amigos em comum, das noites em bares e da intimidade do antigo amor vividos pelos dois. O diálogo chega ao fim pelo personagem principal que diz a Roy que qualquer dia desses irá chamá-lo novamente. Roy, sem demonstrar nenhuma surpresa pelo fim repentino da conversa, apenas lhe deseja boa sorte. O personagem principal faz o mesmo e desliga o telefone.

Ao relembrar da conversa que teve com Roy, uma dúvida vem à tona pelo personagem: ele amou ou não amou a Roy? O personagem vai dormir depois de concluir que nunca chegou a amar Roy. Como havia prometido, retorna à ligação para Roy, mas dessa vez não o encontra, pois, o número estava desativado. O personagem busca pelo contato de Roy na lista telefônica, mas a telefonista o informa que o número não pode ser fornecido, e o personagem sai do discurso.

Exílio, desilusão e solidão

Para início dessa análise, ressaltamos que este estudo aborda o exílio do personagem principal em *Days of wine and roses*, tomando como base as considerações de Edward Said em sua obra *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003), em que afirma:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (SAID, 2003, pág. 46)

Logo no início o que nos chama a atenção é o título do conto em inglês *Days of wine and roses*, que transmite ao leitor retratar dias bons e agradáveis, assim como a própria simbologia da palavra *vinho* que tem por definição “conhecimento”, “prazer” e “fertilidade”, e a palavra *rosa* a “perfeição”, “amor”, “beleza”, “paixão” e “desejo”. Entretanto, isso é desconstruído ao vermos a epígrafe do conto, “tristeza não tem fim, felicidade sim” citação do poeta Vinícius de Moraes, que contraria todo o sentido que damos ao título a princípio. Contudo, essa oposição de sentidos entre título e epígrafe, retrata justamente situações da vida desse personagem protagonista, em que o primeiro está relacionado aos momentos bons, de felicidade vividos no passado pelo personagem principal e seu amante Roy, e o segundo retrata o momento presente da vida dele, revelando seu estado emocional de profunda solidão e desilusão.

No conto, o personagem principal é um brasileiro viajante que mora em Nova York (daí também decorre o título em inglês) vivendo um estado profundo de solidão e tristeza, o personagem parece estar deslocado, não consegue se adaptar ao lugar onde vive:

Você acorda durante a noite. Você não sabe onde se encontra. Que horas são? Não há razões para viver onde está morando. Você levanta da cama no escuro. Sente uma corrente fria de ar nas pernas descobertas. Ela sobe pelo corpo até a cabeça. A cabeça se confunde com os pés”. (SANTIAGO, pág. 557).

É possível ver a condição típica de uma pessoa que vive exilada, trancada sozinha, sem ter noção de espaço e tempo, sem tranquilidade. No conto não se diz, como ou por quais razões o personagem vive desta maneira, tampouco se diz o porquê de ele não buscar uma

forma ou solução para sair dessa vida angustiante. Ao mesmo tempo há um incômodo consciente sobre a condição de vida do personagem, em que podemos observar uma passividade, uma resistência da parte dele, que persiste em toda narrativa, impedindo-o de sair de sua triste vida. Este incômodo consciente de que falamos, advém da noção que o personagem tem da sua solidão, e que é visto por ele mesmo negativamente, criando um diálogo consigo mesmo, em que seu “eu” é transferido a um “você”, mostrando estar ciente de sua situação, já que se encontra excluído e sozinho. Segundo Said (2003), o exilado desenvolve uma consciência que dialoga com ele mesmo, para recriar uma “subjetividade” ativa e para não sentir estranho, diferente ou marginalizado.

É como se o personagem estivesse preso, isolado, sem ânimo, “vivendo por viver”, características estas realmente de uma pessoa exilada em profunda solidão e desilusão. Para Said o “ exílio não é uma questão de escolha: nascemos nele, ou ele nos acontece. Mas, desde que o exilado se recuse a ficar sentado à margem, afagando uma ferida, há coisas a aprender: ele deve cultivar uma subjetividade escrupulosa (não complacente ou intratável)”(SAID, 2003, pág. 57). Esta compreensão auxilia a suprir as dúvidas do leitor, que ao ler o conto, sente a atmosfera angustiante da vida do personagem, tentando encontrar o real motivo de tanta tristeza, e, para além disso, entender porque o personagem não consegue sair daquela situação. Silviano Santiago consegue por meio de uma linguagem simples, transmitir de fato o que é o exílio e solidão vivenciada pelo personagem.

Nem mesmo do local onde mora, o personagem sente-se pertencente, e até mesmo seu próprio apartamento é visto por ele de forma negativa, na passagem em que diz:

A poltrona é velha e pouco cômoda. Está encardida pelo uso. Ela não combina com você. Você não combina com ela. Muito grande, não há como escondê-la no armário embutido, onde você escondeu os vários quadros que estavam dependurados nas paredes. O apartamento de quarto e sala foi alugado com os móveis, dentro do apartamento. Você está vivendo no apartamento como se morasse num quarto de hotel.(SANTIAGO, pág. 557)

O trecho mostra claramente a insatisfação do personagem com a vida que leva, onde nem mesmo o apartamento serve para residir, ele em suas próprias palavras diz “como se morasse num quarto de hotel”, não se conforma que essa seja mesmo sua casa, não se sente pertencente aquele habitat. Neste trecho também, é possível ver que o personagem tem uma noção do que realmente seja uma casa, um lar para ele, ao dizer que mora em um quarto de hotel, demonstra já aqui, a saudade da terra natal, um lugar insubstituível para ele.

Outro elemento que aumenta ainda mais o sentimento de solidão do personagem é o clima de inverno. A neve de Nova York vista pelo personagem de sua janela, segundo Ribeiro (2009), reforça o rompimento dos laços afetivos com o passado recente do personagem. Principalmente no trecho em que o personagem diz: “Sente uma corrente fria de ar nas pernas descobertas. Ela sobe pelo corpo até a cabeça. A cabeça se confunde com os pés. ” (SANTIAGO, pág. 549), os “pés” e “cabeça” do personagem ficam frios por conta do inverno de Nova York. Para Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2012), o pé é o “símbolo de partida e de chegada”, neste sentido, os “pés frios” faz alusão também, as relações interpessoais que estão frias, a ausência de pessoas na vida do personagem, ou até mesmo para psicanálise, segundo Freud (1973) “pés frios” é o reflexo de uma vida sexual que não é ativa ou quente, o personagem em exílio, sente a necessidade ou sente falta de alguém, de pessoas. Entretanto há uma fusão do esfriamento entre “pés e cabeça”, a cabeça tem como símbolo, ser a função vital do nosso corpo e alma, manifestando a racionalidade, a razão. Incorporando para os sentidos do texto, a cabeça que também está fria, e é a própria razão do personagem que impede, nega a própria necessidade de afeto e interação com outras pessoas, aumentando ainda mais seu sentimento de solidão e desilusão, características essas contribuintes e semelhantes a experiência do exílio, tristeza, dor mutiladora da separação, perda, angústia, mudez, negação da dignidade e da identidade, punição política, solidão miserável, privação, banimento (SAID, 2003. pág. 46-60).

A falta, a saudade da família, também é sentida pelo personagem: “Você imaginou que não havia casas na cidade. Não há casas. Só ruas. Você imaginou que não havia famílias na cidade. Não há famílias. ” (SANTIAGO, pág.558). O personagem sente a falta de um porto seguro, da segurança do seu lar, que agora não tem e profere essas palavras a si mesmo, na tentativa de amenizar sua solidão, como se o fato de “não existir” anulasse o sentimento de saudade ou falta dos entes queridos.

O personagem só escapa dessa realidade por alguns instantes, quando vivendo em uma solidão profunda, sob a opressão do inverno, sente a necessidade de ter alguém com quem compartilhar um momento, isso o faz entrar em contato com o ex-namorado abandonado por ele há quinze anos:

Já em casa, na quinta-feira, com os flocos de neve da tempestade lambendo o vidro da janela, você não sabe por que, por que você chamou Roy ao telefone. Não o fazia muitos anos (SANTIAGO, 1996, pág. 551).

Por meio da conversa é possível notar a diferença entre o personagem e seu ex-namorado, de uma pessoa que cria raízes e outra que não se fixa em lugar nenhum. Roy que sempre viveu em Nova York, usava o mesmo pijama desde quando namorava com seu ex-amante, mesmo endereço e telefone, o que facilitou depois de muitos anos ser encontrado pelo outro. Já o personagem principal é um nômade, não consegue se fixar em um determinado lugar, vive em vários lugares, e isso reflete também nos relacionamentos amorosos e extraconjugais, dos quais Roy era ciente.

Personagens exilados são totalmente insatisfeitos, buscando sempre alguém ou alguma coisa que possa suprir a “lacuna de suas carências”. Seja na procura de um novo amor, um sexo descompromissado ou por meio da afirmação pública de sua própria identidade sexual, essas personagens não se cansam de agir como sujeitos em desespero constante.” (COSTA, 2014, pág. 83-84). Assim, é o personagem protagonista, como é possível ver nesse trecho do diálogo dele com seu amante do passado.

Roy sabia por que você viajava. Se todas as viagens são a mesma, basta fazer a primeira para ter a experiência. Roy tinha feito a primeira e única viagem depois de se graduar numa universidade do interior do país. Ele dizia que sabia das razões da sua viagem num misto de silêncio e malícia. (SANTIAGO, pág. 563)

Para Ribeiro (2009), o ser nômade amplia a experiência de vida experimentada, no caso, na duplicidade do deslocamento geográfico e na multiplicidade dos relacionamentos íntimos. Mas no caso de nosso personagem principal, é importante ressaltar que, por mais que ele fosse viajante, ele tinha seu lugar de pertencimento, sua terra natal e sua cultura que para ele era insubstituível e o fazia sentir-se incapaz de se adaptar a outro país e cultura, o que o levava ao exílio e solidão. O personagem sente também a carga negativa de ser estrangeiro, não conseguindo se adaptar aos costumes da região, até mesmo o gosto dos móveis de Nova York, que existem em seu apartamento, o fazia sentir a saudade novamente de sua terra natal.

Não são iguais aos móveis que você tem em casa, mas são em tudo por tudo igual aos móveis dos diferentes apartamentos alugados por onde o seu corpo transitou. E a sua cabeça e imaginação trabalham. Eles não têm a marca do dedo, não têm as cores do gosto, não sentiram a acidez corrosiva dos produtos de limpeza. São como são os inquilinos que vão acolhendo um após outro, indistintamente. Cara de um, focinho do outro. Sem essa de desconfiança mútua. Olhe-se no espelho do banheiro. Você não verá a sua cara, verá refletida uma cabeça cubista. (SANTIAGO, pág. 563)

Aqui nesse trecho também é possível observar a perda da identidade do personagem, pelo uso dos pronomes novamente, “eu e você”, em que, rodeado de coisas que não combinam com ele, e mergulhado na solidão e tristeza, se refere a si mesmo como “você”, e não “eu”. Como se esse “você” não fosse ele (personagem principal), e sim de alguém indefinido, sem identidade.

Outro fato importante presente na narrativa é o suicídio, o personagem em estado profundo de solidão sente desejo de se matar afim de abrandar ou acabar com a vida angustiante, “Neste momento você não quer saber as razões pelas quais você faz de conta que ela esteja aberta. Ou as razões pelas quais você gostaria de saltar para a calçada pela janela deste terceiro andar.” (SANTIAGO, pág. 550)

Considerações finais

O personagem principal vive uma vida definitivamente caracterizada pelo exílio, onde se vê forçado a viver em uma sociedade na qual não se adapta. Há uma extrema solidão e tristeza, em que de acordo com Said, em relação ao sentido “metafísico é o desassossego do exílio, é o movimento, a condição de estar sempre inquieto e causar inquietação nos outros”(SAID, 2005, pág. 65). Sendo assim, no conto não transparece para o leitor nenhuma esperança de mudança futura para a vida do personagem, os dias para o protagonista são os mesmos, são as mesmas inquietudes, que reforça ainda mais a insegurança e intranquilidade que o personagem vive em um ambiente ao qual não pertence, vivendo dia após dia como se nada fizesse sentido.

Referências Bibliográficas

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

COSTA, Jhonatan Leal da. *Solidão e homoafetividade em Mosaicos Azuis Desejos, de Antônio de Pádua*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB, 2014.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1973.

MORICONI, Ítalo (org). *Silviano Santiago – Days of Wine and Roses*. Editora: Objetivo, 2000.

RIBEIRO, Roberto Carlos. *Olhar periférico: as personagens deslocadas de Silviano Santiago*. Eutomia: Revista Online de Literatura e Linguística, Pernambuco, n. 01, pág. 482-516, 2009.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAID, Edward. *Reflexão sobre o Exílio e Outros Ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.